

Redação em Gotas

Edição nº 26

Prof.^a Dr.^a Daniela de Freitas Marques

DICA: O uso da argumentação. Breves visitas e sombras luminosas.

O Direito muito utiliza e muito se vale dos argumentos de autoridade, das infinitas citações de jurisprudência e de hiperbólicos elogios. A apresentação de argumentos, originário do latim *argumentum*, como nos ensinam Platão & Fiorin, tem o sentido de “brilhar” e de “iluminar”.¹ Arrebóis dourados e brilhos infinitos acompanham as palavras. Sempre à espera de alguém que as diga e que se aproveite de seus tênues feixes de luz: incorpore-as na carne e no sangue, porque também somos feitos de palavras.

Anatole France, em 1909, a bordo do paquete *Amazon*, navegando rumo a Buenos Aires, fez uma breve parada no Rio de Janeiro. Esquecido hoje no Brasil, outrora fora fervorosamente admirado por muitos brasileiros: Rui Barbosa, Pedro Lessa, Oswaldo Cruz e Gilberto Amado. Dotado de grande ironia, percebera de há muito, como o Direito apresenta-se contraditório e falho quando preso às formalidades vazias e à retórica pomposa. No conto *Crainquebille*,² um infeliz verdureiro é condenado pela prática de um desacato inexistente. O testemunho decisivo é do Guarda 64 e dois circunstantes discutem o veredicto.

“ (...) A justiça é social. Apenas os maus espíritos a querem humana e sensível. Ela é administrada com regras fixas e não com os tremores da carne e as luzes da inteligência. Sobretudo não lhe peçam para ser justa, ela não necessita sê-lo, uma vez que ela é justiça. (...) “O verdadeiro juiz pesa os testemunhos ao peso das armas. Isto foi visto no caso *Crainquebille* e em tantas outras causas mais célebres.” Assim falou o Sr. Jean Lermite, percorrendo de um extremo a outro a Sala dos Passos Perdidos. O advogado Joseph Aubarrée, que conhecia o Palácio, respondeu-lhe coçando a ponta do nariz: - Se o senhor quer minha opinião, não creio que o presidente Bourriche se tenha elevado a tal alta metafísica. No meu ponto de vista, ao admitir o testemunho do guarda 64 como a expressão da verdade, ele fez simplesmente o que sempre viu ser feito. É na imitação que se deve buscar a razão da maioria das ações humanas. ”

O que podemos aprender? Veja verdadeiramente o caso, argumente com fatos e com as provas presentes nos autos, construa o texto de forma sincera e coerente. A Justiça ou a Injustiça são perenes no espírito e no coração dos homens – ambas, como irmãs e como inimigas, ali fizeram a sua morada. Seja no estrangeiro ou em nossa própria terra, quem não se comove com os dramas da Justiça? O seu brilho solar, as dores e os sofrimentos humanos nos salões dos passos e dos sonhos perdidos e suas sombras, terríveis e espectrais, como naquele velho conto de Coelho Neto.³ O marido matara a esposa, ninguém dele desconfiara, mas a sombra dela o perseguia: “(...) *O que te digo é a pura verdade. Os médicos, quando não acertam com as enfermidades, escrevem um nome qualquer na certidão de óbito: septicemia, por exemplo. Assim certas verdades, quando ultrapassam os limites do conhecimento, são chamadas loucuras. Portas de evasão da inteligência humana. Viste apenas uma sombra ao sol, se me houvesse encontrado ontem terias visto duas ... ou talvez não visses porque, enfim, o perseguido era apenas eu. É isto*”

Haverá juízes que condenem esse pobre louco?”

¹ FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996. 416p. p. 284.

² FRANCE, Anatole. *Crainquebille*. in: COSTA, Flávio Moreira da (org.). *Os 100 Melhores Contos de Crime e Mistério da Literatura Universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 830p. p. 172/187.

³ COELHO NETO. *A Sombra*. in: *op. cit.* p. 251/3.